

Jornalismo de Guerra / Repórteres de Guerra

Ao contrário do passado, o Mundo tem actualmente acesso imediato através dos meios de comunicação à realidade dos teatros de guerra. Passou-se do mensageiro que trazia novidades dos campos de batalha ao Rei e Imperador para as imagens em directo do conflito.

No desenrolar do seu desenvolvimento, a comunicação social tem tido como principal objectivo levar a realidade aos seus diversos públicos, mostrando, relatando o mais possível, inclusive a actualidade dos cenários de guerra.

Os conflitos armados têm merecido um crescente interesse dos meios de comunicação em geral na incessante procura de satisfazer a curiosidade dos cidadãos. A testemunhar esse propósito está o número crescente de repórteres enviados para estes palcos. Em 1944, o desembarque da Normandia, durante a Segunda Guerra Mundial foi acompanhado por 27 repórteres, enquanto a guerra no Vietname foi presenciada por 5 centenas de jornalistas. A Guerra do Golfo, em 1991, foi já relatada por mais de 1.400.

Mas há mais dados a confirmar esta presença maciça de periodistas nos conflitos. Em 1996, mais de 1.700 jornalistas noticiaram as operações de paz das forças da IFOR na Bósnia, enquanto a intervenção no Iraque, das forças militares ocidentais, foi assistida por cerca de 3.000 jornalistas.

Focando um pouco mais o objectivo deste artigo convém perceber se o incremento na cobertura exaustiva e mediática dos grandes conflitos não produz várias consequências.

Convém discutir até que ponto o relato dos repórteres de guerra pode alterar a conjuntura dos acontecimentos, dado que a divulgação de uma notícia ou uma imagem pode causar determinados efeitos que obriguem, nomeadamente a alterações tácticas, retratações, reacções, etc.

Por outro lado sabemos que a difusão de notícias que traduzem um maior acompanhamento dos conflitos tornam o público mais informado e por consequência mais crítico. Um simples exercício: como seria visto o conflito no Iraque e como é que ele se desenvolveria se não estivesse a ser testemunhado por jornalistas a cada minuto que passa? Que ideia teriam os norte-americanos sobre o presidente George Bush se não houvesse jornalistas? A mesma?

A importância da presença de jornalistas em locais de guerra não parece ser muito discutível, mas pode haver quem desconfie dessa presença, nomeadamente o poder político e militar. Altura para lembrar aqui uma ideia de Napoleão “cinco gazetas hostis fazem um mal maior do que cem mil soldados inimigos num campo de batalha”.

Mas o risco de informar acarreta riscos para quem informa.

Só nos últimos 15 anos morreram, em todo o mundo, pelo menos 1.300 profissionais da comunicação em palcos de guerra. Muitas vezes o interesse em querer estar próximo da notícia confina com a própria morte.

Robert Capa, que recebeu reputação como fotógrafo de guerra depois de mostrar vários conflitos, morreu na Indochina no conflito que opunha os rebeldes de Ho Chi Mhin ao exército colonial francês, devido a ferimentos causados por uma mina anti-pessoal. Diz-se que foi vítima da sua própria máxima: “se as tuas fotografias não são suficientemente boas é porque não estás suficientemente perto”¹.

De acordo com a Federação Internacional de Jornalistas (IFJ) em 2007 foram mortos 171 jornalistas no desempenho da sua profissão durante os mais variados conflitos. Destes, e a título de exemplo, 65 pereceram no Iraque, 17 no Paquistão e Somália, 5 no Afeganistão e 3 Sri Lanka. Segundo esta Federação só no Iraque, e desde a invasão norte-americana de 2003, foram mortos 204 destes profissionais. Ainda em 2003 e também no Iraque, dois jornalistas portugueses correram riscos. O então jornalista da rádio TSF Carlos Raleiras foi raptado e mantido sequestrado durante 30 horas, findas as quais conseguiu sair são e salvo. Na mesma emboscada Maria João Ruela, da SIC, foi ferida com alguma gravidade. Já este ano, no último mês de Agosto, e durante os ataques a Góri, os bombardeamentos russos provocaram a morte de um jornalista do canal de televisão alemão RTL e outro da imprensa local. Mais para trás no tempo, em Setembro de 1999, quatro jornalistas portugueses – José Vegar, Luciano Alvarez, Hernâni Carvalho e Rui Araújo – correram risco para relatar o clima de violência que se sucedeu em Timor-Leste, após o referendo que determinou a independência deste país em relação à Indonésia. Os jornalistas tiveram de se refugiar na sede da UNAMET (missão da ONU para Timor-Leste) que ficou cercada por milícias depois do hotel onde estavam alojados ter sido atacado também por guerrilheiros. O relato destes jornalistas ao Mundo terá ajudado na pressão sobre a comunidade internacional para pôr fim ao clima de violência que se vivia.

Mas o que leva os jornalistas e o seu profissionalismo a correrem para a frente de batalha? Será unicamente a vontade de informar? No seu dia-a-dia, e em condições normais, o jornalista corre sempre em segurança atrás da informação, tentando obter e confirmar dados para publicar. E quando está num cenário de guerra, será que esta procura não leva a descuidos? Até que ponto as guerras das audiências não levam a alguns percalços?

O Instituto Internacional para a Segurança da Imprensa (INSI)², organização não-governamental criada em 2003 que se dedica, entre outras acções, à segurança dos jornalistas em cenário de guerra, lembra a

¹ http://www.fmsoares.pt/arquivo_biblioteca/dossier08/06b_PesGCE.asp, 29 de Maio de 2008.

² ver <http://www.jornalistas.online.pt/noticia.asp?id=1208&idselect=526&idCanal=526&p=522>, 28 de Maio de 2008.

necessidade de “os jornalistas corajosos, e as empresas para quem trabalham”, poderem “fazer mais para reduzir os riscos”.

Actualmente ninguém pode esquecer que num palco de guerra, um jornalista pode ser um alvo importante, designadamente para as tropas em confronto que através de repórteres reféns têm conseguido divulgar a sua mensagem.

Como dizia Richard Sambrook, homem forte da BBC, “não há maior ameaça à liberdade de informação do que a morte de jornalistas empenhados em manterem as sociedades livres informadas”³

Face a este novo interesse jornalístico houve necessidade de preparar melhor os jornalistas, surgindo assim os vários cursos de preparação de repórteres de guerra. No próprio site do INSI⁴ é possível ler-se que os jornalistas “deverão receber uma formação adequada sobre o ambiente hostil e serem sensibilizados para os riscos incorridos”, antes de se deslocarem para zonas consideradas menos seguras. É aqui que empresas de média e até as forças militares acabam por ser parceiros úteis. Em Portugal já por várias vezes os jornalistas participaram em acções de formação promovidas pelas forças de segurança, como o Curso para Jornalistas em Cenário de Conflito, promovido pela Escola Prática de Infantaria de Mafra em colaboração com o Centro de Formação da Rádio e Televisão Portuguesa, que decorreu este ano.

Aliado à importância dos jornalistas no cenário de guerra está o sucesso que os seus meios de informação fazem com as notícias que enviam.

No caso da CNN foi a guerra do Iraque que trouxe este canal de televisão norte-americano para o sucesso⁵. Era a descoberta e o início da luta pelas audiências em que a guerra no terreno era o ponto de partida.

Foi também nesta altura que os jornais nacionais, e um pouco por todo o mundo, faziam mais do que uma edição diária, ou seja, provou-se a guerra levou ao aumento das vendas e das audiências e, obviamente, o crescer do bolo publicitário.

Ricardo Pires
Instituto Transatlântico e Democrático

³ ver Diário de Notícias, 6 de Maio de 2005.

⁴ ver www.newssafety.com, 26 de Maio de 2008.

⁵ ver <http://www.cimj.org/docs/n3-02-Jose-Rodrigues-Santos.pdf>, 23 de Maio de 2008.